



A manifestação do espetacular nos festejos à Nossa Sra dos Navegantes

Pedro Isaías Lucas Ferreira

A produção de reflexões e os experimentos realizados no teatro ao longo do século XX, evidenciam a necessidade de se direcionar o foco das investigações para as convergências entre áreas do conhecimento, que mesmo não tendo relação direta com a arte, ainda assim, possam proporcionar algum entendimento sobre a prática espetacular. De Antonin Artaud a Jerzy Grotowski e Eugenio Barba, é possível destacar uma procura pelos elementos acionadores da percepção de que o que está a acontecer, se trata de algo inscrito no domínio do extra-ordinário. E essa procura empreendida, muitas vezes aponta para horizontes além dos limites do teatro.

A reivindicação de Antonin Artaud em sua “teoria do teatro da crueldade”, o uso da potencialidade física dos atores aplicada à criação e a noção de “encontro”, em Grotowski, nos induzem a uma associação entre as atividades ritualísticas de origem cosmológica e a gênese da ação espetacular. É possível que ambas tenham funções e estratégias semelhantes? Se é verdade que uma das funções do xamã e do rito é, de alguma forma, conferir ou manifestar unidade ao grupo a que pertencem, pode-se, então, afirmar que o espetáculo também objetiva o conagraçamento entre as pessoas que dele participam? Se interessa ao teatro estudar a forma como essa comunhão é atingida pelo ritual, então mostra-se oportuna a análise de uma prática religiosa local – Procissão à Nossa Senhora

dos Navegantes, Porto Alegre-RS – com o interesse de identificar seus dispositivos funcionais, bem como seus *AGENTES ESTIMULANTES*.

Reconheço como *AGENTES ESTIMULANTES*, os recursos visuais, sonoros, táteis e demais artifícios de apelo aos sentidos de um receptor. Se muitos receptores processam esses estímulos, e reagem similarmente a eles, observa-se, então, uma coincidência de comportamento. Se as reações ocorrerem todas ao mesmo tempo, haverá uma forte tendência à coesão (pelo menos temporária) desse grupo. Agindo a um só gesto, essa coletividade pode se transformar em um corpus, emotivo e vibrante.

Caso Regional

A Procissão à Nossa Senhora dos Navegantes pode ser considerada um ritual regional, na medida em que não se encaixa na definição de ritual nacional, proposto por Roberto Da Matta (*Carnavais Malandros e Heróis*, pg. 36), no qual o evento precisaria mobilizar a atenção pública simultaneamente em todo o território, por ocasião de um feriado nacional. Apesar desta festa religiosa ser comemorada em diversas cidades brasileiras, é possível haver fatores que a diferenciam de uma região para outra, o que desautoriza conclusões extensivas a todas elas.

Em Porto Alegre, a festividade (acompanhada no dia dois de fevereiro de 2003) iniciou às 07:00h da manhã com uma missa celebrada na igreja do Rosário, localizada no centro da cidade, em uma área que, antes dos sucessivos aterros para construção do porto atual, situava-se a uma quadra da margem do estuário do rio Guaíba. Ao final da cerimônia, a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes é conduzida por membros de clubes de remo através da nave central da igreja. No andor, a estátua de Nossa Senhora está colocada dentro de uma miniatura de embarcação; seu braço direito sustenta a imagem de seu filho que, por sua vez, segura uma corrente de onde pende uma âncora. Fato curioso é a evidente desproporcionalidade entre o tamanho da estátua e da embarcação onde ela está posta, o que acaba por ressaltar a grandiosidade e o poderoso domínio da padroeira.

Uma vez fora da igreja, o traslado da imagem segue sem a presença de padres e bispos, mas com a *PARTICIPAÇÃO* de aproximadamente quinhentas mil pessoas, segundo estimativa do corpo de bombeiros. Um cordão de isolamento, composto por policiais militares, forma um círculo em torno do andor. A cadência da marcha é regulada pelo passo do grupo que sustenta a imagem. Logo à frente, algo em torno de um terço dos fiéis presentes caminha e reza comandado por uma gravação sonora. É a voz reproduzida por essa gravação, que estabelece a seqüência das orações e das proclamações dos mistérios religiosos, intercalando tudo com o entoar de cantos sacros. Essa gravação obtém meio de difusão através de unidades de som, dotados de toca-fitas do tipo K7, um amplificador e alto-falantes, que estão dispostos mais ou menos equidistantemente ao longo

do cortejo e, por serem móveis e não possuírem tração própria, são puxados à mão pelos próprios fiéis. Observa-se, então, que a voz reproduzida pelos aparelhos de som servem apenas como guia, ficando a cargo dos participantes da cerimônia a função de dar expressividade à proclamação dos salmos e louvores. São centenas de milhares de vozes que se sobrepõem para formar um uníssono. Mesmo a peculiaridade fonadora de cada indivíduo não impede a observação de que as demonstrações de respeito e súplica estão presentes no tom geral da vocalização das orações. Essa voz coletiva, em certo sentido, regula o comportamento dos presentes e indica o modo de se dirigir à santa homenageada. Dependendo da posição do participante da procissão em relação ao sistema móvel de alto-falantes, não é possível escutar a difusão sonora deste, de forma que o que se ouve é o murmúrio geral e as vozes vizinhas. Há, aqui, uma resposta coletiva à passagem da imagem da padroeira, pois é a presença dela e não a voz amplificada que puxa as orações, que provoca a pronúncia de um roteiro previamente conhecido de palavras, com uma intenção manifesta pelo tom emocional em que é proferido. Se essa voz geral atinge os ouvidos de todos os partícipes, torna-se grande a possibilidade da emoção comunicada por ela interferir no sentimento que cada um tem ao recitar as palavras do roteiro sagrado, o que caracteriza um sistema retro-alimentado.

O prévio conhecimento das orações também é um agente produtor de estímulos coletivos, pois a quase totalidade dos que ali se encontram, conhecem de cor as frases que recitam. E não é raro encontrar, nessas sentenças, palavras de poderoso efeito imagético, que provocam a percepção de um *momento*, de um *espaço* e de um *estar* extra-quotidiano, altamente sacralizado.

“... O contraste do rito com os atos do mundo diário revela, no primeiro, uma seqüência de ações dramáticas...”

Roberto Da Matta, *Carnavais Malandros e Heróis*, p.37

“... A passagem do domínio cotidiano para o extra-ordinário é marcada por modificações no comportamento, e tais mudanças criam as condições para que eles sejam percebidos como especiais...”

Roberto Da Matta, *Carnavais, Malandros e Heróis*, p.38

Mesmo aqueles que, por conta de suas limitações pessoais, não dominam o exato significado das palavras proferidas, ainda assim, encontram algum entendimento na possibilidade de interpretação da sonoridade que a palavra sugere, além da leitura e reinterpretação do modo de reagir a ela, ora observado nos seus vizinhos de caminhada.

O espaço sagrado tem seus limites reconhecidos até onde exista alguém que, caminhando junto à imensa fileira, esteja também rezando sincronizadamente a ela, ou então, a acompanhe, ouvindo-a concentradamente. *Fora* desse espaço convencional é permitido que uma turba desordenada de

vendedores de velas, flores e água mineral, desloque-se em comportamento muito diferente do observado pelos que estão *dentro* do espaço. Há uma fronteira visível entre aqueles que se colocam *dentro* da dramatização ritualística e os que, do lado de *fora*, agem quotidianamente. Para os que estão *dentro* não são permitidas atitudes jocosas, licenciosidade ou improvisação, todos devem reportar-se unificadamente ao centro e o centro é o homenageado.

É digno de nota o uso das cores na linguagem visual do festejo. Ao longo de todo o trajeto, e principalmente na avenida Castelo Branco, fitas verdes e amarelas são vistas amarradas aos pares em grades, postes e quaisquer outros objetos do mobiliário urbano, que se prestem a dar suporte e visibilidade a elas. Essas duas cores juntas, o verde e o amarelo, são uma clara evocação da nacionalidade brasileira, pois recorrem ao consenso geral de que representam uma síntese das cores do pavilhão nacional. Há, então, um reforço do caráter mais abrangente da localização e da identidade, que não fica oculta e nem se perde na peculiaridade da prática regional e específica da cidade de Porto Alegre. Do alto de alguns edifícios, no centro da cidade, e de cima dos viadutos, na avenida Castelo Branco, uma chuva de papel picado transforma o céu em milhares de fragmentos multicoloridos, que brilham ao sol ao caírem e, uma vez no chão, compõem um tapete improvável, cujo contato provoca, pelo menos, um abrandamento na aridez do caminho de asfalto quente a ser percorrido. Esses papéis picados interferem não só pelo conforto térmico que proporcionam aos pés do caminhante, mas também através da sensação visual que provocam nele. Multicolorido também é o monobloco formado pela fileira de fiéis que trajam roupas predominantemente claras, mas que também deixam ver uma grande presença do vermelho, do azul e do marrom, em variadas tonalidades. A julgar pelo grande número de pessoas presentes e a intensidade luminosa do sol do meio dia, em pleno verão, pode-se constatar que esse imenso painel de roupas coloridas não passa despercebido ao olhar de quem está participando da procissão.

As sensações do corpo são intensas em uma caminhada como essa, de aproximadamente seis quilômetros, em solo próprio para a circulação de carros, não de pessoas. O calor é intenso e a marcha, por ser lenta e extensa, é muito cansativa, o que reforça a sensação de penitência. É possível notar, no comportamento geral, uma ampla aceitação das condições adversas. Mais do que isso, observa-se a incorporação dessas dificuldades como dispositivos de flagelo, necessários à realização do ritual. É grande o número de pessoas que ali está para pagar promessas com o seu próprio sacrifício, o que denota um elevado grau de crença nos mistérios religiosos. Essa crença fervorosa, de quem teve uma "graça concedida" pela padroeira, provoca gestos de gratidão e uma entrega física tão arrebatadora que se transforma em um ato de doação do corpo privado ao corpo coletivo.

"... A procissão também coloca a questão do sacrifício. E aqui sacrificar-se significa

basicamente usar o corpo para entrar em contato com o santo (...). Realmente, é como se o "corpo dos fiéis" perdesse suas fronteiras e, nos momentos mais fervorosos, pudesse juntar-se ao corpo da imagem, dando-lhe vida. E nesse momento, onde o público e o privado perdem o sentido, as curas podem tornar-se realidade (...). Isso é a prova de que o sagrado está realmente acima de nós..."

Roberto Da Matta, Carnavais, Malandros e Heróis, p.82

Considerações finais

É possível que "o sagrado", tal como é citado pelo antropólogo social Roberto Da Matta, seja essa capacidade humana de, em algum lugar, além de si próprio, encontrar-se com seu semelhante. O local desse encontro, ou seja, o fator desencadeante, o elemento que toca intimamente pessoas distintas e as aproxima em torno de um evento, é manifesto na procissão à Nossa Senhora dos Navegantes, pelo que arbitrariamente denomino de agentes estimulantes. No caso do festejo religioso, esses agentes têm sua eficácia condicionada à capacidade de causar forte impressão em seus receptores. Se, por um lado, esses receptores já estão preparados para interpretar os estímulos que recebem, de outro é necessário ponderar a respeito da grande eficiência das imagens e impressões que esses estímulos causam. Para tal análise, é muito provável a necessidade de se recorrer a outras áreas de estudo, além do teatro e a antropologia, à procura da dinâmica pela qual essas imagens e sensações "satisfazem" as exigências dos variados níveis de consciência de um determinado grupo de indivíduos. Talvez, assim, o estudo da prática de um ritual religioso local forneça contribuições mais concretas ao trabalho de criação de nossos encenadores.



Bibliografia:

- "Carnavais, Malandros e Heróis", Roberto da Matta, ed. Zahar, 1981.
- "Le Public et son corps: éloge des sens", Jean-Marie Pradier, Théâtre/Public, nº 120, nov-déc. (numéro spécial sur le théâtre et la science), 1994.